O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 351

21 DE SETEMBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Escreveu-o, não sei quem, e pensa-o decerto toda a gente, que um dos maiores prazeres das viagens é o regressar d'ellas.

Espero ter esse prazer, dois ou tres dias depois d'esta chronica ser publicada, e francamente, sem *pose* de lisboeta nostalgico, não é sem alegria que penso no momento de chegar á minha terra, á minha casa, de me achar de novo na minha mobilia e nos meus habitos.

Alphonse Karr, que, se me não engano, já citei aqui n'uma das minhas chronicas anteriores, disse uma verdade profunda quando attribuiu o desejo de viajar, muito mais que á vontade de ver sitios novos, á necessidade de sahir do sitio em que se está habitualmente.

É positivamente assim, e a immensidade da gente que n'estes mezes de villegiatura anda por aqui pelas estações do norte, ao acaso, sem destino certo, sem plano determinado, jornadeando d'aqui para ali, ao sabor da inspiração do momento, prova bem que o que a fez metter-se a caminho foi unicamente o desejo de sahir da sua terra e da sua casa.

E esse desejo comprehende-se perfeitamente, chega mesmo a ser uma necessidade para o corpo e para o espirito; mas satisfeito elle, volta logo o desejo opposto, o de regressar á nossa casa e á nossa terra.

É esse desejo que eu tenho hoje e que espero satisfazer por estes dias.

É verdade que o calor enorme que de repente veio reeditar o verão, no fim de setembro e nos principios do outomno, faz sua vontade de continuar a veranear.

Ha dois dias que no Porto — d'onde hoje estou escrevendo — encontro um calor ardente que este anno nunca vi em Lisboa, a não ser nos primeiros dias de agosto.

Depois de ter batido o queixo, com frio, em Espinho e saboreado, com delicias, na Figueira, o estofo do meu prussiano, agora abafo com calor e gasto diariamente kilos de gêlo, no café Suisso, ainda hoje o café mais concorrido do Porto, o grande ponto de reunião.

Entretanto ninguem toma a sério, aqui, este calor, e toda a gente olha para elle desconfiada como para uma mascara suspeita: pois suspeita-se e dizem os sabios que decifram os segredos da natureza que com bastante razão, esse calor é o batedor de uma trovoada enorme que se prepara para nos visitar. Seja o que fôr: ou este calor seja percursor de trovoadas ou um remorso do verão por não ter cumprido em tempo competente o seu dever, o que é certo é que o Porto, d'ordinario frio e humido, está transformado n'uma estufa, e que por essas praias por ahi abaixo, Foz, Carreiras, Mattosinhos e Leça, os banhistas aterrados, saem cosidos das limpidas aguas do Oceano, que se desfazem em branca espuma nos penedos de beira mar.

Apezar porém do calor, a concorrencia de viajantes ao Porto tem sido phenomenal. Hontem por exemplo, o hotel em que estou alojado, e que é o hotel melhor que tenho encontrado no Porto e mais bem servido — o que não admira desde o momento em que é propriedade d'um francez habil, intelligente e famoso cosinheiro, e que está a dirigil-o com todo o zelo e cuidado de quem tracta do que é seu — o grande Hotel de Paris, — teve que deixar de receber muitos hospedes, depois de ter armado camas em toda a parte.

O motivo principal d'esta enorme affluencia foi a tourada de beneficio de Luiz do Rego, na Serra do Pilar. E no fim de tudo essa tourada que attrahiu tanta gente, que tinha tantos attractivos e que se apresentava como uma boa festa esteve muito longe de corresponder ao que d'ella se esperava.

O gado foi geralmente mau — segundo todos me affirmam, que eu segundo os meus habitos de Lisboa não puz o pé na Praça — e os distinctos amadores que de Lisboa tinham vindo tourear não poderam brilhar, não tiveram ensejo de conquistar os applausos ruidosos que por toda a parte teem acompanhado a sua gloriosa carreira.

E a tourada de hontem fez um mal terrivel á tourada que hoje, em que escrevo, segunda-feira 17, se realisa na mesma praça da Serra do Pilar, em beneficio do Hospital de Creanças Maria Pia.

Muita gente que tinha já logares tomados para essa corrida, desanimada pela de

PORTUGAL PITTORESCO

AVINTES — PONTE DO CADEADO

(Segundo uma photographia do photographo amador o sr. Eduardo Coelho Junior)

hontem, vendeu os seus bilhetes; outras pessoas que tinham vindo hontem das praias aqui proximas, da Granja, de Espinho, e até da Figueira, para assistir ás duas touradas, partiram já lamentando a viagem perdida e o calor apanhado, e ao enthusiasmo que hontem havia pela tourada succedeu hoje um grande desanimo.

Demais a mais, na tourada de hontem, para haver tudo o que se póde imaginar de desagradavel, n'um espectaculo publico, houve até pancada entre a municipal e o povo, pancada que continuou fóra da praça, á passagem na ponte, e houve tambem um principio de incendio no touril.

Felizmente o incendio apagou-se logo, e parece incrivel, que apesar das recordações tão vivas ainda, da medonha tragedia do Baquet, não houvesse no publico um grande terror.

Mas felizmente não houve. Dir-se-ia que experimentado por aquella gigantesca catastrophe, o publico comprehendeu que uma das coisas mais perigosas, perante um sinistro em theatro, é o terror, e com o maior e mais inesperado sangue frio, assistiu ao começo e á extincção d'esse pequeno incendio, sangue frio que fez com que a estas horas não haja nenhuma victima a lamentar, e que aquelle principio d'incendio passasse apenas como um inoffensivo incidente d'aquella tarde de touros tão cheia de peripecias.

O que se espera aqui com muita curiosidade e interesse, é a companhia do theatro de D. Maria, que vem inaugurar a estação theatral de 1888 a 1889, no theatro do Principe Real.

A companhia deve chegar no dia 19 e começar a série das suas representações no dia 20 ou 21, com a comedia *Guerra em tempo de paz*.

O repertorio que a companhia de Lisboa vem aqui dar, teve á ultima hora de ser muito modificado, por causa da doença da actriz Virginia, doença que impede a illustre artista a vir ao Porto.

Depois de dez recitas, a companhia de D. Maria regressa a Lisboa, a fazer a sua época d'inverno, e no theatro do Principe Real d'aqui, começarà então a funccionar a companhia d'opera comica, do maestro Alves Rente, que inaugurará os seus espectaculos com a opera comica *Madame Favart*.

Em outubro, a companhia do maestro Cyriaco Cardoso, começa tambem os seus espectaculos no theatro dos Recreios, chrysmado com o titulo de Theatro da Opera Comica.

E effectivamente é o genero da opera comica a valer, que Cyriaco Cardoso vae explorar, com a sua alta competencia artistica, e a prova é que a peça de abertura, já em ensaios, é nem mais nem menos do que a *Carmen*, de Biset, a famosa *Carmen*, dada em opera comica, sendo o libretto traduzido pelo sr. Emygdio d'Oliveira, a prosa e o verso pelo poeta Hamilton d'Araujo, traducção que foi o ultimo trabalho do talentoso e malogrado poeta-bohemio.

E não lhes posso dar mais noticias do Porto, noticias que ahi tenham algum interesse.

E noticias d'interesse, nem d'aqui nem de parte nenhuma lhes posso dar, e em vista d'esta pobresa franciscana, acho muito preferivel pôr aqui ponto final, n'esta pequena chronica, que não passa d'uma simples e insignificante carta do Porto, reservando-me para tirar desforra, do tamanho d'ella, na proxima chronica, que já terei o prazer, espero-o em Deus, de escrever em Lisboa, saboreando as delicias da velha e tão verdadeira phrase — Casinha, minha casinha.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

AVINTES — PONTE DO CADEADO

Em o n.º 346 do Occidente, publicámos uma paizagem de Avintes, reproducção de uma excellente photographia do sr. Eduardo Coelho Junior, e hoje reproduzimos em a gravura da primeira pagina, uma outra photographia do mesmo auctor, e que representa uma outra paizagem de Avintes, no sitio da ponte denominada do Cadeado, sobre o rio Febros.

No artigo com que acompanhamos a gravura a que nos referimos, démos noticia sobre a povoação de Avintes, o que nos permitte abreviarmos hoje esta noticia, limitando-nos a chamar a attenção do leitor para a belleza da paizagem extremamente pittoresca que lhes offerecemos.

Ella revella o bom gosto com que o sr. Eduardo Coelho Junior escolhe os pontos para as suas photographias, apresentando-nos verdadeiros quadros de um pittoresco encantador.

A ponte do Cadeado é muito antiga e não é facil averiguar a época da sua fundação; a monumentos importantes acontece outro tanto, e por isso não iremos revolver archivos, quando afinal o nosso intuito é simplesmente mostrar as bellezas das paizagens que se observam em Avintes, muito especialmente sobre as margens do verdejante Febros.

A RUA DOS AMORES, EM COLLARES

QUADRO DE ISAIAS NEWTON

Na secção de Bellas-Artes da Exposição Industrial Portugueza, figura o quadro «A rua dos Amores, em Collares» que reproduzimos em gravura a pag. 212.

Esta téla é um dos melhores quadros do sr. Isaias Newton, um artista que não se filia nos processos da pintura moderna, mas que resiste valorosamente pelo bom *coup d'œil* das suas paizajens, bem compostas e escrupulosamente desenhadas, sem liberdades de pintura, que nem sempre conduzem á verdade.

O quadro do sr. Isaias é agradavel e muito decorativo. Foi encommendado ao distincto artista pelo sr. José Ignacio da Costa, abastado industrial e proprietario.

NOVA PONTE DO ESPIRITO SANTO EM ODIVELLAS

Foi inaugurada no dia 9 do corrente, em Odivellas, uma ponte sobre o rio, vulgarmente conhecido na povoação pelo nome de rio Secco, que corre entre o logar dos Pombaes e Odivellas.

Esta pequena obra d'arte não faria trabalhar os nossos buris, se fôra obra subsidiada pelos cofres publicos; mas sendo devida á iniciativa particular, torna-se por isso digna de menção especial, em um paiz como o nosso, onde essa iniciativa particular tem por emquanto tão pouca acção, esperando-se sempre tudo dos governos, e não lhe poupando as censuras quando qualquer melhoramento local se não realisa, pela simples razão de não haverem recursos para elle nos cofres do Estado ou dos municipios.

A pequena ponte que hoje dá passagem entre as povoações de Odivellas e Pombaes, deve-se á generosa iniciativa do sr. Marcelino Dias da Encarnação, dono da quinta do Espirito Santo e outras propriedades rusticas e urbanas em Odivellas, que a expensas suas a mandou construir para commodidade d'aquelles povos.

A ponte é de ferro e madeira com fundamentos de alvenaria assentes sobre as margens do rio, no sitio em que termina a rua do Espirito Santo, de que tomou o nome. Abranje a extensão de 10,m e foi construida com toda a solidez, sob o plano do sr. Victor Encarnação, distincto estudante de engenheria, que está prestes a concluir o curso.

É grande a utilidade d'esta ponte para os habitantes da localidade, muito especialmente no inverno, em que as aguas do rio faziam extremamente perigosa a sua passagem, obrigando os transeuntes a metterem-se á agua com grave risco.

Este mal era tão reconhecido que alguns dos fazendeiros que cultivam as hortas da grande varzea de Odivellas, pensaram em fazer uma ponte rustica de madeira, á semelhança d'outras que já alli tem existido, mas que as aguas tem levado.

O sr. Encarnação, porém, sabendo do proposito em que os fazendeiros estavam, e quanto era insufficiente a ponte por elles planeada, pois levaria o mesmo caminho que as antecedentes, resolveu mandar fazer á sua custa a ponte de que vimos fallando, e offerecel-a generosamente á camara municipal de Loures para que de futuro cuide da sua conservação.

Assim se realisou este importante melhoramento local, que é mais um beneficio que o sr. Marcelino Dias da Encarnação tem feito a Odivellas, e que nós registramos com prazer.

Que tão bom exemplo aproveite aos que podem beneficiar as pequenas povoações, onde difficilmente chega a acção do governo central, e muito menos ainda os recursos municipaes, que mal satisfazem as necessidades mais instantes.

CAMINHO DE FERRO ELECTRICO PARA SERVIÇO DE MEZA

Damos a pag. 216 uma gravura representando um invento extremamente curioso, e que é mais uma applicação da electricidade, essa força conhecida e desenvolvida em nosso seculo, fonte de tantas maravilhas, desde a transmissão rapida do pensamento atravez do espaço até ao explendor da sua luz brilhante.

O pequeno caminho de ferro sobre o qual desliza o pequeno vagonete que conduz os manjares á meza, é incontestavelmente uma das invenções mais engenhosas a que se podia applicar a electricidade. Foi o sr Gastão Menier que inventou em França este gracioso caminho de ferro e o poz em pratica na sua sala de jantar.

Os rails dispostos em elyptica, conforme se póde observar na gravura, assentam sobre uns pernes que os elevam acima da taboa da meza, e á altura de qualquer conviva se poder servir commodamente, do prato conduzido sobre o pequeno vagonete.

O serviço faz-se completo em volta da meza, seguindo o vagonete pela direita e voltando pela esquerda, ou vice-versa, logo que entre nas agulhas dispostas nos vertices do eixo maior da elypse, o que se realisa obedecendo á vontade do copeiro que dirige o serviço, por meio de botões em que toca. Estes mesmos botões lhe permittem o fazer parar o vagonete que conduz o prato que se serve, em frente de cada conviva, fazendo-o depois seguir ao conviva immediato.

Um pequeno motor dinamo eletrico estabelece a corrente necessaria para que o pequeno caminho de ferro funccione facilmente.

O maximo peso que o vagonete póde conduzir é de 25 kilogrammas, e não é preciso mais para estar habilitado a servir qualquer entrada.

Para a mudança de pratos e de talheres bastará collocar estes sobre o vagonete que os conduzirá ao aparador onde o copeiro funcciona.

Este invento, mais luxuoso que pratico, dispensa o serviço dos creados de meza, e não deixa de ser um chic da moda e bom tom nas grandes mezas e nos grandes jantares.

JORGE DA SILVA PEREIRA

RESIDENTE EM S. SALVADOR DO CONGO

Escrever a biographia de illustres generaes, é missão facil; porque basta consultar a sua longa folha de serviços e extrahir d'ella o preciso para organisar uma biographia; mas escrever a vida de um official de trinta annos, nascido n'uma época feliz de paz duradoura, é missão mais espinhosa e difficil de conseguir.

N'este caso nos encontrâmos, ao ter de acompanhar o retrato de Jorge da Silva Pereira, que a illustrada redacção do Occidente quer apresentar aos seus leitores, como testemunho de consideração e estima pelo sympathico official que hoje exerce o pouco invejavel logar de residente em S. Salvador do Congo.

Não tem na sua biographia militar feitos distinctos, como as não tem os seus camaradas; não se tornou notavel em combates ou batalhas, porque não se lhe proporcionava a occasião; mas é um official trabalhador, um funccionario zeloso e intelligente, um excellente chefe de familia, e um amigo e camarada dedicado. E se n'uma epoca em que predomina, infelizmente, o egoismo e a indolencia, se não se tornar conhecido aquelle que trabalha assiduamente, se não mostrarmos ao publico o funccionario zeloso e activo no meio da chusma de borocratas que nas horas do serviço enxameiam pelas ruas de Lisboa, parvoneando a sua insignificancia, que incitamento, que premio haverá para o que trabalha?

Jorge da Silva Pereira assentou praça como voluntario a 2 de novembro de 1874, foi promovido a alferes sem prejuizo d'antiguidade por decreto de 31 de janeiro de 1877, por haver sido nomeado conductor auxiliar das obras publicas da provincia d'Angola. Fez por consequencia parte da expedição excellentemente organisada pelo distincto engenheiro, o sr. major Manoel Raphael Gorjão. Em fins de 1878 foi encarregado J. da Silva Pereira de dirigir o serviço da repartição de contabilidade da direcção das obras publicas, cargo que exerceu tanto a contento do seu dignissimo director, que passou o excellente attestado, que deve existir na 1.ª repartição da direcção geral do ultramar. Chegando a Lisboa, depois

de concluido o tempo da sua commissão em 5 de fevereiro de 1881, foi mandado fazer serviço na 1.ª repartição da administração militar. Pouco tempo depois foi riquisitado para servir na 6.ª repartição da direcção geral do ministerio da guerra, aonde desempenhou o logar de archivista. Estava n'esta situação quando se tratou de organisar o districto do Congo, para governador do qual tinha o governo escolhido, com a maxima felicidade, um dos nossos mais talentosos e considerados officiaes de marinha, o sr. capitão de fragata João Antonio de Brissac das Neves Ferreira cujo retrato e biographia o OCCIDENTE publicou em o n.º 257 do 9.º volume. Este distincto official, muito pratico nos assumptos coloniaes, quiz que o districto que lhe fôra confiado fosse organisado com o maximo esmero, e ao mesmo tempo que pessoalmente ia a França fazer a acquisição de todo o material necessario para as edificações do Congo, teve todo o cuidado nas propostas do pessoal subalterno, que foi escrupulosamente escolhido. Feitas estas declarações e dizendo-se que Jorge da Silva Pereira foi um dos residentes nomeados, está feito o seu elogio, maior. E note-se que n'uma epoca em que os empenhos e o patronato campeiam infrenes no nosso meio politico, Pereira deveu a sua nomeação ao seu anterior comportamento em Angola, e ás informações sempre favoraves que d'elle deram os seus chefes.

No principio da sua carreira, tem J. da Silva Pereira, a gloria de dever a si e ao seu incessante trabalho, o logar que actualmente está exercendo.

O OCCIDENTE publicando o retrato do modesto official, que no interior d'Africa está desempenhando tão arduo serviço, presta uma justa homenagem ao trabalho honrado e digno.

A. F.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

GALERIA GUILHERME STEPHENS E PAVILHÃO D. CARLOS

(Continuação)

Dedicaremos hoje o nosso artigo ás duas principaes installações do pavilhão D. Carlos; a da Empreza Nacional de Betonilhas por ser uma industria nova entre nós, e da ceramica das Caldas da Rainha, porque, embora conhecida por todo o paiz, tem consideravelmente reformado a parte artistica ou decorativa da louça das Caldas. A primeira, pratica e de novidade completa, representa um notavel avanço na industria de ceramica nacional; a segunda, não abandonando a tradição, modernisa, reforma e cria quazi uma arte nova entre nós, devido ao impulso orientado e forte de um artista brilhante, trabalhador e despretencioso, como é Raphael Bordallo Pinheiro.

A Empreza Nacional de Betonilhas, de que são proprietarios Castro & C.ª e director technico Liberato Telles, expõe, entre muitos objectos: balaustres Luiz XV, lavatorios, piso para vestibulos, e copias de um medalhão da Sé Velha de Coimbra e do celebre mosaico *cave canem*, achado em Pompeia, e do qual todos tem ouvido certamente fallar; este foi copiado de uma gravura de Ernest Bosc.

Esta installação de Castro & C.ª podemos classifical-a em tres grupos:

—1.º Piso em betton;
—2.º Fundição em cimento;
—3.º Brechas artificiaes.

O primeiro grupo d'esta classificação é largamente conhecido do nosso publico, por isso que o vê nos *bettons* dos passeios nas ruas da cidade, nos vestibulos dos palacios, ou nos pisos das grandes cavallariças. Por esta acceitação geral parece destinado, de futuro, a ser o unico empregado n'este genero de pavimentos.

O segundo grupo compõe-se de fundição de cimento, subdividindo-se este em duas classes ou systemas: —fundição commum—e applicação de cimento ligeiramente humedecido.

Na primeira classe estão as misulas e cimalhas; na segunda, os balaustres e relevos.

Esta industria, nascente entre nós, não tem ainda o desenvolvimento a que ha jus porque o consumo não a tem animado a possuir grandes depositos d'estes artigos de construcção, e d'esta fórma só póde fornecer por encommenda. Mas desde o momento que a concorrencia, instigada pelo preço, avive esta nova industria nacional, claro está que estes artigos hão de baratear em grande escalla as construcções no nosso paiz.

Nas construcções, como a mão de obra se reduz simplesmente ao assentamento, ha de o seu preço diminuir de modo muito sensivel.

Os preços, segundo uma nota do director technico d'esta empreza são: —por metro corrente de balaustrada completa 3$000 réis,—metro linear de cimalha 1$500 réis,—metro linear de roda-pé fingindo talha, 700 réis,—um balaustre Luiz XV, 1$500 réis;—estes preços tem abatimento quando seja para revender e para fornecimento superior a cincoenta metros.

O terceiro grupo, segundo a classificação indicada de *brêchas artificiaes*, não é invento contemporaneo, diz-nos a historia.

Os romanos apreciavam muito este genero de mosaico.

Alexandre o Grande protegeu notavelmente esta industria dando o nome *Opus alexandrinum* ao mosaico como o que na installação está exposto, em fórma de pedras para marcenaria.

Os romanos usavam, sobre o solo em que levantavam as suas tendas de guerra, mosaicos de que se faziam acompanhar na bagagem dos seus exercitos. A tenda de Cesar ostentava em fórma de tapete um mosaico representando uma batalha.

Na installação Castro & C.ª da exposição industrial, vêem-se expostos mosaicos, *brecha-artificial*, para installações provisorias no genero dos que usavam os guerreiros de Roma.

A installação da empreza Castro & C.ª, agradou-nos, por ser essencialmente portugueza, e representar além d'isso um notavel avanço na industria nacional. A copia do quadro de Pompeia, principalmente, representa no trabalho de execução um aturado estudo e um profundo conhecimento da manipulação dos *bettons*.

*

A outra installação:

Não descreveremos os objectos expostos na installação das Caldas por isso que são bem conhecidos do nosso publico. O fabrico de hoje n'aquella louça principia pela purificação do barro, temos depois o trabalho do oleiro, succede-lhe o formista, entra o barro no forno onde é cosido quinze horas até *terra-cota*. Passa para ás mãos do pintor, volta ao forno onde permanece outras quinze horas, e com o trabalho da *limpeza* termina a faina do fabrico.

Esta installação representa uma edificação chineza: torre, arcos lateraas, corpo central e pavilhão.

A torre, coberta de mosaicos mouriscos, lenços nacionaes, estamparia vistosa, é como que amparada por dois arcos formados por cangas, obra de talha nacional, que partindo da torre se apoiam em columnas cobertas de cobrejões e mantas do Alemtejo.

Da torre chineza parte uma galeria que termina n'um pavilhão de altura inferior á torre, tendo o telhado um tom japonez de originalidade elegante e que serve de exposição a telha vidrada de um verde metalico.

Estas duas installações, como se vê, são as mais dignas de menção, no pavilhão denominado de *D. Carlos* que fica fronteiro ao de *D. Fernando* ou das artes graphicas e Imprensa.

No proximo artigo trataremos da ala direita que, como já descrevemos a secção agricola, comprehende as galerias *Faria Guimarães, Antonio Augusto de Aguiar* e pavilhão *D. Fernando*.

A ala esquerda já ficou descripta no OCCIDENTE, por nós, em artigos que acompanhavam as respectivas gravuras.

(Continua.) *Manuel Barradas.*

CARTAS DE SOROR MARIANNA

A FREIRA PORTUGUEZA

II

O teu tenente acaba de dizer-me que uma tormenta te fizera arribar ao algarve.

Receio que tenhas soffrido muito no mar, e esta apprehensão tão vivamente me absorveu que não tenho pensado em todas as minhas penas.

Imaginas acaso que o teu tenente se interesse, mais do que eu, no que te succede?

[1] É a 4.ª das edições anteriores.

Porque está elle melhor informado, e, em summa, porque não me tens escripto?

Bem infeliz sou se, para o fazer, não tens tido occasião alguma desde que partiste, e, mais ainda, se, tendo-a, não me escreveste.

São desconformes a tua injustiça e a tua ingratidão; mais me pesara, porém, que ellas te acarreassem alguma desgraça.

Prefiro que fiquem sem castigo, a que me vinguem.

Resisto a todas as mostras que deveriam convencer-me de que não me amas, e sinto-me bem mais disposta a abandonar-me cegamente á minha paixão do que ás razões que me dás de me lastimar da tua frieza.

Quantas mortificações me terias poupado se as tuas maneiras fossem tão remissas nos primeiros dias em que te vi, como me teem parecido desde algum tempo.

Mas quem não se illudira com tantos extremos e quem os não tivera por sinceros.

Quanto custa e tarda que nos resolvamos a suspeitar da lealdade dos que amamos!

Eu bem vejo que a menor desculpa te satisfaz, e sem que te dês ao incommodo de a engenhar, o amor que te tenho serve-te tão fielmente que nem posso consentir em julgar-te culpado, senão para gosar o ineffavel prazer de te justificar eu propria!

Consumiste-me com a porfia dos teus galanteios, abrazas-te-me com os teus transportes, enfeitiçaste-me com as tuas finezas, renderam-me os teus juramentos, seduziu-me a minha inclinação violenta, e as continuações d'estes principios[1] tão ledos e tão felizes não são mais do que lagrimas, cançados suspiros, uma funesta morte, sem que eu possa encontrar-lhes remedio!

Certo, logrei não imaginadas delicias, amando-te, mas custam-me agora, bem desmedidas penas.

São sempre excessivas todas as moções que me causas.

Se tivera resistido obstinadamente ao teu amor, e se te houvera dado qualquer motivo de pezar e de ciume para mais te inflammar e prender; —se tivesses notado em mim qualquer esquivança artificiosa;—se eu tivesse querido, em summa, oppor a minha razão á inclinação natural que para ti me impellia, e que logo me fizeste perceber,—embora as minhas diligencias tivessem sido inuteis, sem duvida;—poderias então castigar-me severamente e abusar do teu poder sobre mim, com mostras de justiça.

Mas pareceras-me digno do meu amor, antes que me houvesses dito que me amavas, mostraste-me uma grande paixão, senti-me deslumbrada, e abandonei-me a amar-te perdidamente.

Não estavas cego, como eu:—porque me deixaste cahir n'esta misera condição em que agora me vejo?

Que querias tu fazer de todos os meus enlevos, que não poderiam deixar de te ser bem importunos no seu mesmo exaggero?

Sabias perfeitamente que não havias de ficar para sempre em Portugal.

Porque me quizeste escolher para me tornar tão desgraçada?

Encontrarias, sem duvida, n'esta terra qualquer mulher mais formosa com a qual gastasses os mesmos prazeres, pois que, sómente, os grosseiros procuravas[2];—que te amasse fielmente emquanto estivesses com ella;—que o tempo podesse consolar da tua ausencia, e que tivesses deixado sem aleivosia e sem crueza.

Este teu comportamento é mais de um tyranno acirrado em perseguir-me do que de um amante que só deve pensar em captivar.

Ai, porque tratas com tanto rigor um coração que é teu?

Vejo muito bem que és tão facil em te deixares mover contra mim, como eu o fui em me deixar convencer em teu favor.

Sem precisar valer-me de todo o meu amor, e sem querer saber se terias feito por mim alguma coisa de extraordinario, eu teria resistido facilmente a muito melhores razões do que podem ser as que te moveram a deixar-me.

Ter-me-hiam parecido muito fracas, e nenhumas haveria que tivessem podido arrancar-me de junto a ti.

Mas quizeste aproveitar os primeiros pretextos que se offereciam para voltares a França.

Partia um navio.

Porque não o deixastes partir?

Escrevera-te a familia.

[1] «Quão venturosos fossem os signaes d'estes santos principios...»—*(Desposorios do Espirito)*.

[2] «....avec l'aquelle vous eussiez eu autant de plaisir, puisque vous n'en cherchiez que de grossiers».

BELLAS-ARTES

A RUA DOS AMORES, EM COLLARES — Quadro de Isaias Newton

(Desenho do mesmo auctor)

Não sabes tu as perseguições que soffri dos meus?

A tua honra obrigava-te a deixar-me.

Cuidei eu da minha?

Tinhas de ir servir o teu rei.

Se quanto dizem d'elle é verdade não tem necessidade alguma do teu auxilio e haver-te-hia dispensado d'elle.

Ai que ventura a minha se juntos houvessemos passado a vida!

Mas já que era fatal que uma cruel ausencia nos appartasse, creio que devo comprazer-me, ao menos, em não ter sido infiel, e não quizera, porquanto ha no mundo, ter praticado uma acção tão negra.

Como! pois conheceste o fundo do meu coração e da minha ternura, e podeste resolver-te a deixar-me para sempre, e a expôr-me aos terrores de que não te lembres mais de mim... senão para me secrificar a uma nova paixão?!

Sei bem que te amo como uma doida.

Não me queixo comtudo de toda esta furia insana do meu coração.

Costumei-me ás suas tribulações, e não poderia viver sem este prazer a que me apego de te amar no meio de mil penas.

Mas atormenta-me sem cessar o enojo e o desgosto que tenho por tudo...

A minha familia, as minhas amizades, este convento, tudo se me tornou insupportavel.

É-me odioso quanto sou obrigada a ver, quanto é mister que eu faça.

Tão ciosa me sinto da minha paixão, que me parece que todas as minhas acções, que todos os meus deveres te pertencem.

Sim, tenho escrupulos em não empregar em ti todos os momentos da minha vida.

JORGE DA SILVA PEREIRA Residente em S. Salvador do Congo

(Segundo uma photographia)

Que faria, coitada de mim, sem tanto odio e sem tanto amor, quaes me enchem o coração?!

Poderia acaso sobreviver ao que incessantemente me absorve, para levar uma vida tranquilla e descuidada?

Ai que não poderia, não, conformar-me com esse vacuo e com essa indifferença.

Toda a gente tem reparado na completa mudança do meu genio, das minhas maneiras, da minha pessoa.

Minha mãe fallou-me n'isto, a principio com asperesa, depois com algum carinho.

Nem sei o que lhe respondi.

Creio que lhe confessei tudo.

As freiras mais austeras compadecem-se do meu estado. Move-as a uma certa contemplação, a uma certa piedade por mim.

A todos commove o meu amor, só tu persistes n'uma profunda indifferença... sem me escreveres senão cartas frias, cheias de repetições, metade do papel em branco, dando grosseiramente a conhecer que morres por terminal-as...

Dona Brites tanto me amofinou n'estes dias passados, por me fazer sahir do quarto, que julgando destrahir-me lá me levou a passeiar na varanda d'onde se vêem as portas de Mertola[1].

[1] Explicámos já largamente esta passagem. O texto francez é: — «*Elle me mena promener sur le balcon d'où l'on voit Mertola*».

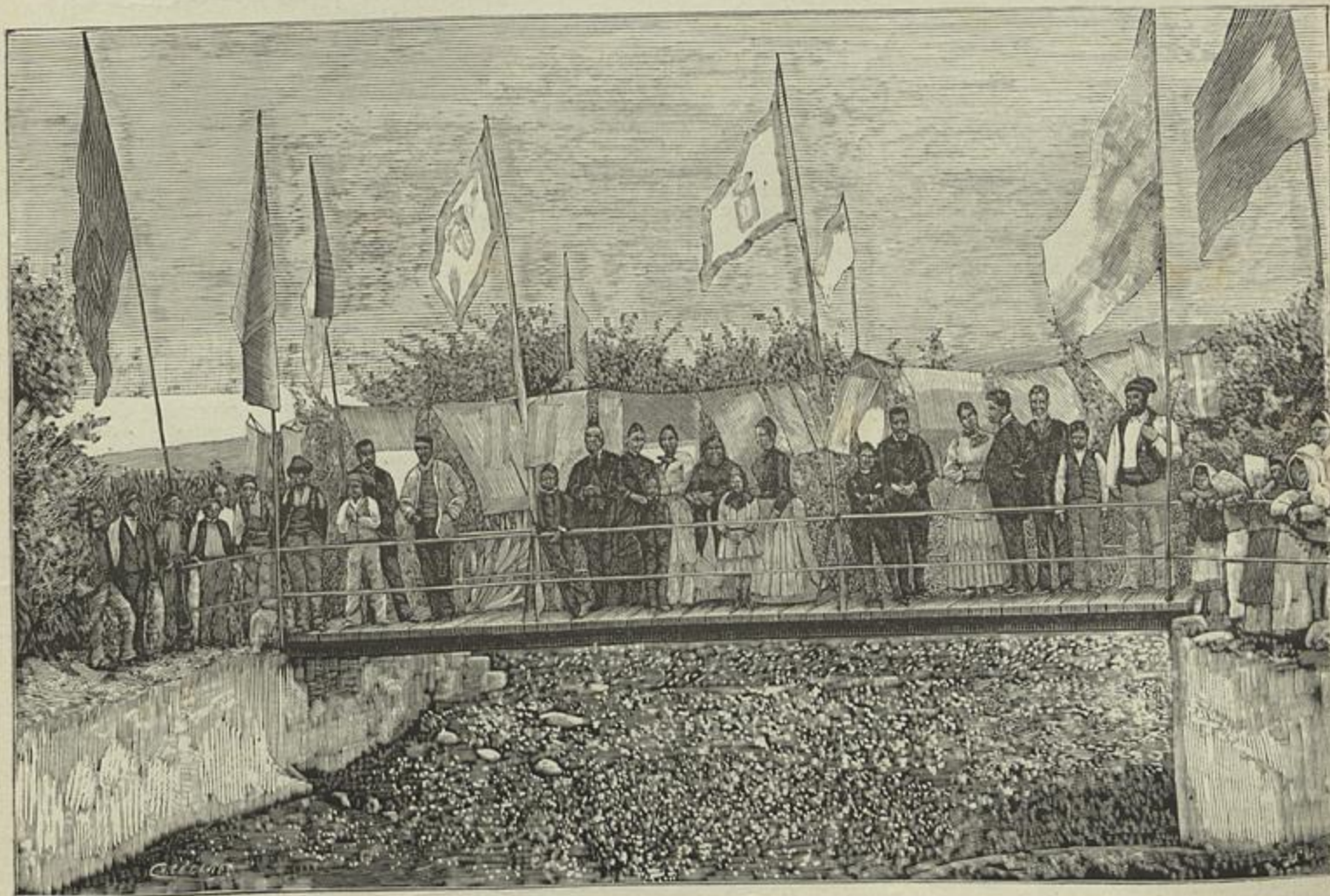
Filinto traduz: «me levou a passeiar *a varanda* d'onde se *avista* Mertola».

Sousa Botelho: — «levou-me *a varanda d'onde se vê Mertola*».

Theophilo Braga interpreta (*Est. da Id. Med.*): — «no *mirante* do mosteiro d'onde se avistava Mertola».

J. Ennes, verte: — «levou-me ao *eirado* d'onde *se avista* Mertola».

P. Chagas, traduz tambem: — «levou-me *á varanda* d'onde *se vê* Mertola», mas foi o primeiro que observou que era «impossivel que Marianna Alcoforado dissesse isto». — De nenhum ponto de Beja», — accrescenta, — «se vê Mertola que fica na margem direita do Guadiana a 40 kil, de distancia. *E comtudo sente-se que a phrase não é apocrypha*, é simplesmente mal interpretada. Uma das fachadas do convento fica voltada para o Guadiana, e se não fossem a distancia e as ondulações do terrero, das janellas do convento da Conceição podia certamente ver-se Mertola».

A observação abona o fino espirito litterario do illustre escriptor, — sente-se, realmente que a phrase não é apocrypha,

PONTE DO ESPIRITO SANTO, EM ODIVELLAS, Inaugurada no dia 9 do corrente

(Segundo uma photographia)

Fui, e logo me assaltou uma lembrança cruel que me fez chorar todo o resto do dia.

Trouxe-me outra vez para o quarto, e lancei-me sobre a cama, reflectindo nas poucas mostras que vejo de me curar um dia. O que me fazem por alliviar-me, acirra a minha dôr, e nos proprios remedios acho razões particulares para me affligir.

Vi-te, d'alli, passar, com ares que me enfeitiçaram e estava n'aquelle miradouro, no dia fatal em que comecei a sentir os primeiros effeitos da minha desventurada paixão.

Pareceu-me que querias agradar-me, posto não me conhecesses ainda.

Persuadi-me que reparavas em mim, entre todas as minhas companheiras.

Imaginei que quando passavas, estimavas bem que te visse melhor, e que admirasse a tua destresa e o teu garbo quando fazias caracolar o cavallo.

Toda me assustava, se o obrigavas a fazer algum passo difficil.

Emfim, intimamente me interessava em todas as tuas acções.

Sentia já que não me eras indifferente e tomava para mim quanto fazias.

Ai que em demasia conheces as continuações d'estes começos, e embora nada tenha a poupar-me, não devo lembrar-t'as com receio de fazer-te mais culpado, se é possivel, do que tens sido, e de ter de reprehender-me por tantas diligencias inuteis para que me fosses fiel...

Não o serás, não!

Posso esperar porventura das minhas cartas e dos meus lamentos o que o meu amor e o meu abandono não poderam contra a tua ingratidão?

Estou bem certa da minha desventura.

O teu comportamento injusto não me deixa a menor razão para d'elle duvidar, e tudo devo receiar pois que me deixaste...

Acaso só para mim terás encantos e não se enlevarão em ti outros olhos?

Creio que me não pesará que os sentimentos de outras justifiquem, de algum modo, os meus, e vê tu a contradição d'esta alma! quereria que todas as mulheres de França te achassem adoravel, e que nenhuma te amasse e que não te agradasse nenhuma.

É ridicula, é impossivel esta idéa, sei.

Mas, demais tenho experimentado que não és capaz de uma grande affeição e que poderás bem esquecer-me, sem nenhum auxilio e sem que te obrigue a isso uma nova paixão.

Talvez quizesses, comtudo, ter algum pretexto rasoavel... É verdade que eu seria mais desgraçada, mas tu serias menos criminoso.

Vejo que permanecerás em França, sem grandes prazeres, n'uma inteira liberdade.

Retem-te a fadiga d'uma grande viagem, alguma pequena conveniencia, e o receio de não poderes corresponder aos meus ardentes transportes.

Ai não o receies!

Contentar-me-hei em ver-te de tempo a tempo, e em saber sómente que estamos na mesma terra.

Mas illudo-me naturalmente e quem sabe se não te haverá enleado mais do que as minhas finezas, o rigor e a esquivança d'alguma outra!

Será possivel que mais te inflamem os maus tratos?

Antes, porém, de te empenhares n'uma grande paixão pensa bem no excesso das minhas penas, na incerteza dos meus projectos, na contradição das minhas moções, na extravagancia das minhas cartas, nas minhas confianças, nos meus desesperos, nas minhas saudades, no meu ciume...

Olha que vaes soffrer muito!

Conjuro-te que aprendas n'este exemplo que te estou dando, e que, ao menos, não te seja inutil quanto padeço por ti.

Fizeste-me ha cinco ou seis mezes uma confissão molesta: — disseste-me muito francamente que amáras uma senhora no teu paiz.

Se é ella quem te impede de voltar, dize-m'o, sem escrupulo, para que eu não me consuma ainda mais.

Ampara-me por ora um resto de esperança, e preferira, se ella não deve reanimar-me, perdel-a inteiramente e perder-me, eu, com ella.

Manda-me o retrato d'essa senhora com algumas das suas cartas.

Conta-me o que ella te diz.

Acharei n'isso, talvez, motivos para me consolar ou para me flagellar mais.

Não posso continuar n'este estado, e não ha mudança que não me seja benefica.

— mas a explicação vimos já que era outra. Aquella fachada e aquella varanda dão sobre as *portas de Mertola* e o traductor francez tomou estas portas pela da villa ou por ella.

Quereria possuir tambem o retrato de teu irmão e de tua cunhada[1].

Tudo o que te é alguma coisa, me é caro. Sinto-me inteiramente devotada a quanto te respeita. Não me deixei nenhuma disposição de mim propria.

Momentos ha em que me parece que me resignaria até a servir submissamente a que amas.

Tanto me teem quebrantado os teus maus tratos e os teus despresos que ás vezes nem me atrevo a pensar em que possa ter ciumes de ti, com receio de desagradar-te, e chego a cuidar que é a maior impertinencia d'este mundo, permittir-me, eu, fazer-te censuras.

Convenço-me muitas vezes de que não devo exprimir-te amargamente, como faço, sentimentos que refusas.

Ha muito que um official espera por esta carta.

Fizera o firme proposito de t'a escrever por maneira que a podesse ler sem aborrecimento. Mas bem extravagante vae ella já; devo encerral-a.

Ai que me não sinto com forças para o fazer. Parece-me que te falo, quando estou escrevendo-te, e que de algum modo estás comigo.

A primeira que te escrever não será tão extensa nem tão importuna.

Podes abril-a, com esta certeza que te dou.

Seguramente, não devo falar-te de uma paixão que te desgosta e não te falarei mais n'ella.

D'aqui a poucos dias vae fazer um anno que toda me entreguei a ti sem escrupulo.

Muito ardente e muito sincera me parecia a tua paixão,[2] nem por sombras podera cuidar que tanto enojo te causassem os meus favores te obrigassem a fazer quinhentas leguas e a expor-te áos perigos do mar para te alongares de mim.

De ninguem poderia esperar-se tal.

Deverias lembrar-te do meu pudor, da minha confusão, da minha vergonha, mas, ai de mim! de nada te lembras que possa a teu pesar, obrigar-te a amar-me.

O official que deve levar-te esta carta, pela quarta vez me manda dizer que precisa partir.

Como está apressado!

Abandona, sem duvida, n'esta terra alguma desgraçada!...

Adeus.

Mais me custa a fechar esta carta, do que te custou deixar-me, talvez para sempre.

Adeus.

Não me atrevo a dar-te mil nomes d'amor, nem a entregar-me, sem constrangimento, a todos os meus impetos.

Amo-te mil vezes mais do que a vida e mil vezes mais do que penso.

Como me és querido e como me és tyranno!

Não me escreves...

Não pude cohibir-me de te dizer isto, outra vez!

Vou recomeçar, e o official que se vá embora.

Que importa? Que parta...

Escrevo mais para mim, do que para ti.

Busco apenas aliviar este coração.

Tambem, o comprimento d'esta carta vae metter-te medo...

Não a lerás.

Que fiz eu para ser tão desditosa?!

E porque me envenenaste assim a minha vida?

Ah porque não nasceria eu bem longe d'esta terra?!

Adeus; perdoa-me.

Não me atrevo já a pedir-te que me ames.

Vê a que me reduziu o meu destino!...

Adeus.

Luciano Cordeiro.

O ESCARAVELHO DE OURO

CONTO DE EDGAR POE

(Continuado do n.º 350)

Emquanto elle fazia estas cousas, continuava eu sentado perto do fogo, porque me sentia quasi gelado. Quando concluiu o desenho passou-m'o, sem se levantar. No momento em que lhe peguei, ouviu-se um latido forte e logo uma grande rapadela na porta. Jupiter foi abrir, e um enorme cão da Terra Nova, que pertencia a Legrand, entra de um pulo, salta-me ás costas, e enche-me de festas, porque eu o afagára sempre muito nas minhas visitas precedentes. Quando o animal cessou de cabriolar olhei para o papel e, a falar a verdade, não me surprehendeu pouco o desenho do meu amigo.

«Sim, senhor! disse eu, depois de o ter examinado por alguns momentos, confesso que é um escaravelho bem singular; é para mim completamente novo; nunca vi nada assim, a não ser um cranio ou uma caveira, que o desenho mais parece de isso que de outra cousa.

«Uma caveira! repetiu Legrand. Ah! sim; effectivamente no papel tem essa apparencia. As duas malhas pretas superiores parecem os olhos, não é verdade? e a outra, sobre o comprido, que está na parte inferior, figura de bocca; além d'isso a fórma do todo é oval.

«Pode ser, disse eu; mas receio que o meu amigo não seja artista. Só vendo o escaravelho poderei fazer uma idéa da sua configuração.

«Sim... não sei como isto succedeu, disse elle um pouco resentido; eu desenho soffrivelmente, pelo menos tinha obrigação d'isso, porque estudei com bons mestres, e não me julgo completamente estupido.

«N'esse caso o meu amigo está brincando, acudi eu; isto é um cranio muito razoavel; digo-lhe mais, é um cranio *excellente*, segundo as idéas que correm relativamente a esta parte do corpo humano, e o seu *scarabaeus* seria o mais extraordinario *scarabaeus* do mundo se se parecesse com isto. Poderiamos muito bem ser atacados de um nadinha de superstição. Presumo que denominará o escaravelho *scarabaeus caput hominis*, ou cousa parecida — ha em historia natural muitas denominações analogas a esta. Mas onde estão as antennas de que me falou?

«As antennas! exclamou Legrand, que parecia ir tomando grande calor sobre o assumpto; deve vel-as, com toda a certeza. Desenhei-as tão distinctas como estão no insecto original, e julgo ser sufficiente.

«Bem, bem, tornei eu; assim será; eu não as vejo; e restitui-lhe o papel sem mais observações, para não o irritar, mas muito admirado do rumo que o negocio tomára; o seu mau humor confundia-me, e, quanto ao esboço do escaravelho, positivamente não tinha antennas visiveis, e o todo d'elle era sem a menor duvida o de uma caveira.

Elle recebeu o papel com um modo desabrido, e ia já a amarrotal-o, evidentemente para o lançar no fogo, quando um relance de olhos casual pelo desenho pareceu prender-lhe subitamente a attenção. N'um momento pôz-se-lhe o rosto como um ferro em braza, e logo tornou-se excessivamente pallido. Sem se mover, continuou por alguns minutos a examinar minuciosamente o desenho. Afinal levantou-se, pegou em uma vela de cima da mesa e foi sentar-se em uma mala no outro extremo da casa. Alli tornou a examinar com todo o cuidado o papel, voltando-o em todos os sentidos. Não dizia palavra, e o seu procedimento causava-me grande assombro; mas julguei prudente não lhe exacerbar o mau humor com algum commentario. De ahi a pouco tirou da algibeira do casaco uma carteira, metteu n'ella o papel com todo o cuidado e guardou tudo em uma escrivaninha, que fechou á chave. Tornou a falar do assumpto com mais serenidade, mas o enthusiasmo desapparecera completamente. Parecia agora mais abstracto do que irritado, e á medida que a noite avançava, cada vez mais se absorveu na sua meditação, e nenhuma das minhas agudezas o pôde distrahir. Fôra minha intenção a principio passar a noite na choupana, como bastantes vezes o havia feito; vendo porem a disposição de espirito do meu hospede, julguei mais acertado dizer-lhe adeus. Não fez a menor diligencia para que eu ficasse, mas, quando parti, apertou-me a mão muito mais affectuosamente que de costume.

Francisco de Almeida.

ARTES E OFFICIOS

O ENSINO PROFISSIONAL NO ALBERGUE NOCTURNO

A ESCOLA DA ASSOCIAÇÃO

(Continuado do n.º 350)

Caetano José de Figueiredo, — fiscal do material e tracção por parte do Governo, no caminho de

[1] Hérard Bouton e Catherina Le Conte Nonant, casados em 1661, assistindo, e figurando no contracto matrimonial, Noel Bouton, como dissémos atraz. Lembraremos tambem que Hérard era governador de Dijon onde se organisou no começo de 1668 a expedição ao Franche Comté, de que já fez parte Noel que voltára de Portugal.

[2] Filinto traduz:

— «D'aqui a poucos dias, haverá um anno que toda me entreguei a ti sem algum resguardo; muito ardente me parecia o teu effecto, e mui sincero,...»

Sousa Botelho traduz:

— «D'aqui a poucos dias fará hum anno que me anbandonei toda a ti, sem alguma consideração e comedimento! O teu amor parecia me muito fervoroso, e muito sincero...»

ferro do norte e leste, e ao presente engenheiro da fabrica de gelo da rua 24 de Julho;

Tem o curso do Instituto e carta de serralheiro e torneiro mechanico, nas officinas do mesmo.

Os trabalhos mais notaveis que tem apresentado são os seguintes:

A 10 de dezembro de 1859, tendo concluido a sua aprendizagem nas officinas de serralheiro e torneiro mechanico, entrou como official na fabrica Vulcano, onde lhe encarregaram differentes trabalhos, entre elles o plano, construcção e montagem de um fogão na Real Casa Pia de Lisboa, e a distribuição das aguas no mesmo edificio.

Em 1 de dezembro de 1862, por contracto feito com a sociedade Mousinho Vasconcellos & C.ª, preparou para funccionar a fabrica de producção de gelo, por meio da evaporação dos liquidos no vacuo.

Por portaria de 7 de abril de 1864, foi nomeado fiscal do material e tracção, por parte do Governo dos caminhos de ferro no leste e norte.

Desde 1867, que dirige a parte technica da fabrica de gelo sita na rua 24 de Julho. (Este industrial affirma que é n'este estabelecimento que se póde avaliar o resultado dos seus estudos, feitos no Instituto, pois que para estudar e crear no paiz uma industria especial, como esta é, talvez fosse mister o contratar um engenheiro estrangeiro).

MONTAGENS

De 1870 a 1885, fez a montagem de uma parte da officina mechanica de Bravo & Filhos, no Beato; a de uma fabrica de productos ceramicos em Pancas; e a da machina de vapor e outros mechanismos na fabrica da Empreza Ceramica de Lisboa.

Actualmente, está executando o plano e a direcção da montagem de um motor a vapor de 60 cavallos, systema de Corsiss Farcôt e dois geradores de vapor, systema de Nayer & C.ª, na fabrica de moagens do Bom Successo.

Maximiano Augusto Herrmann,—director das officinas e apparelhos telegraphicos na calçada do Lavra;—deixou o Instituto Industrial de Lisboa em 1861 por lhe ser offerecido o logar de inspector dos telegraphos dos caminhos de ferro no norte e leste;

INVENÇÕES E APERFEIÇOAMENTOS

Dirigiu a organisação das estações e linhas telegraphicas dos caminhos de ferro; educou o pessoal dirigindo a escola de praticantes a telegraphistas. Conservou-se n'este logar até 1871.

Em 1864 foi convidado pelo seu mestre José Victorino Damazio, então director geral dos telegraphos, para examinar os apparelhos e propor as modificações que julgasse necessarias. Em consequencia d'isto modificou o Receptor de Morse que ainda hoje é empregado.

Para a construcção e modificação dos apparelhos de Morse montou uma officina, onde se construiram quasi todos os apparelhos da Direcção dos Telegraphos. Creou modelos novos de despertadores, transmissores, galvanometros, mesas de communicações, etc., sendo todos elles reproduzidos pelos seus concorrentes.

Tem construido instrumentos e apparelhos para quasi todos os estabelecimentos do estado, assim como para quasi todos os caminhos de ferro do paiz.

Combinou e construiu os instrumentos que serviram ás experiencias da determinação da longitude entre Lisboa e Coimbra, sob a direcção do general Folque.

Construiu os anemographos que funccionam na Foz do Douro e na serra da Estrella, os chronographos que estão no observatorio da Universidade de Coimbra e um grande numero de outros instrumentos.

Em 1882 tirou privilegio do seu systema de apparelho telephonico, systema de que se servem quasi todas as pessoas que tem linhas independentes da rede de Lisboa e Porto.

Foi o primeiro que construiu e apresentou em Portugal o telephone de Bell, tendo, n'essa occasião, a honra de ser chamado por El-Rei o Sr. D. Luiz.

Em 1884 tirou privilegio para um systema de conductores subterraneos destinados á illuminação electrica e á transmissão da força.

Foi o primeiro a montar a illuminação electrica com lampadas de incandescencia, sendo-lhe confiado o estabelecimento da que existe no Arsenal da Marinha.

Inventou e construiu os apparelhos do balão da hora média que existe no mesmo Arsenal, e que cae com a corrente transmittida pelo observatorio da Tapada.

Em 1885 tirou privilegio em França e Allemanha d'um novo systema de regulador para as machinas de vapor, que põem em acção as machinas dynamo-electricas.

Foi a convite do sr. Jayme Larcher que montou a luz electrica no Arsenal da Marinha e construiu os apparelhos do novo balão.

Ignacio Casimiro Alves d'Azevedo,—director dos trabalhos na fabrica da polvora em Barcarena.

Os seus trabalhos mais importantes são os seguintes:

Memoria sobre rodas hydraulicas, pelo que foi louvado pelo sr. Inspector do arsenal do exercito.

Memoria e projecto sobre o estabelecimento de machinas a vapor para servirem de motor na Fabrica da Polvora:—trabalho que foi considerado *academico* pela commissão de aperfeiçoamento da arma de artilheria.

Projecto para a montagem por novo systema de um grupo de quatro cylindros para carbonisar madeira e para se obter carvão para o fabrico da polvora.—Este projecto foi approvado e executado, funccionando ainda hoje o systema que indicava.

Memoria sobre um novo processo de carbonisar madeira.—Inventado pelo auctor, empregando o vapor de agua-raz, e conhecendo-se as tensões ainda não estudadas d'este vapor a differentes temperaturas.

Além d'estes trabalhos scientifico-praticos, existem outros pertencentes ao mesmo individuo nos archivos do arsenal do exercito, e que de momento se não podem registar.

No desempenho do seu cargo collaborou no projecto para o estabelecimento definitivo, na fabrica da polvora, de machinas a vapor e respectivas transmissões, cujo orçamento attingiu a importante cifra de 8:000$000 réis; e foi quem dirigiu, na qualidade de mestre director de trabalhos, a construcção das novas officinas a vapor, o assentamento e montagem das machinas a vapor e transmissões, a construcção e montagem das machinas productoras da polvora.

Emilio Silvestre Dias,—segundo engenheiro da Companhia do gaz;

INVENÇÕES

MACHINISMO pela simples inspecção do qual se reconhece se nos apparelhos de depressão corre ou não a agua, e a quantidade em que passa.

REGULADOR AUTOMANIMETRICO PARA GAZES EM PRESSÃO.—Regula a sahida dos gazes armazenados em pressão. Foi experimentada na Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

MANOMETRO ELECTRICO; regula de um modo exacto a pressão ou rarefação que é preciso manter nos apparelhos do fabrico do gaz extrahido de carvão de pedra, avisando authomaticamente, por meio de electricidade, quando a pressão excede ou baixa além dos limites devidos.

MANOMETRO ELECTRICO, já descripto em o n.º 81 do *Occidente*, 21 de Março de 1881. Construindo para os mesmos fins do já citado, mas mais sensivel do que este.

Foram estes inventos elogiados, entre outros, pelos srs. F. Benevides, dr. Lourenço, Antonio Augusto de Aguiar, José Julio Rodrigues. (Vidè *Folheto* dedicado aos srs. accionistas da Companhia Lisbonense de illuminação a gaz; Emilio Dias, pag. 13 e seguintes).

Manuel Simões do Nascimento,—fabricante constructor de todas as manufacturas de cobre e bronze, apparelhos de distillação, caldeiras, bombas, prensas para vinho e azeite, montagens de machinas, fundições, etc;

APERFEIÇOAMENTOS FEITOS POR ESTE INDUSTRIAL

Aperfeiçoou a machina de distillação do systema Saval e Egrot, pondo a juncção dos diaphragmas em condições de serem limpos mais facilmente.

Aperfeiçoou a prensa de movimento rapido com parafusos differenciaes, addicionando-lhe uma porca em sentido inverso ao da porca do parafuso que dá aperto, a fim de mais facilmente se poder desapertar a prensa quando fôr necessario.

Aperfeiçoou um outro apparelho para distillação no vacuo.

Este apparelho, unico em Portugal, está ainda em construcção.

MONTAGENS

A machina de levantar agua, e que póde ser movida pelo vento, cavalgadura, ou por um vapor, em casa do sr. conde de Cabral, em Algés.

As estufas de ferro para flores no jardim da Estrella, mandadas collocar pela Camara Municipal.

Calorificos e tubos para aquecimento de estufas nas seguintes casas:

—Escola Polytechnica;
—Real Jardim Botanico d'Ajuda.
—Jardim da Estrella.
—Apparelhos continuos para distillar vinho:
—ao Sr. Manuel Gonçalves Cerejo, em Beja;
—ao Sr. C. Cotim, em Torres Novas;
—ao Sr. Jeronymo Moreira, na quinta d'Alagôa, em Carcavellos;
—ao Sr. Bartissol, em Setubal, herdade Real do Pinheiro.

Carlos Augusto Pinto Ferreira,—engenheiro machinista com a patente de capitão-tenente (reformado), actualmente director technico da escola de instrucção primaria superior Rodrigues Sampaio, e da fabrica Peters;

OBRAS FEITAS NO ARSENAL DO EXERCITO SOB O SEU PLANO E DIRECÇÃO, NÃO SENDO COPIAS EXECUTADAS DE OUTRAS SIMILARES EXISTENTES

Plano, direcção e montagem d'uma machina de vapor de alta pressão, com expansão por meio do regulador, de 20 cavallos de força. Foi construida na officina de fabrico de canhões.

Plano, direcção e montagem de duas caldeiras para a dita machina com todos os seus apparelhos e competente chaminé.

Este trabalho foi feito nos annos de 1857 a 1860, época em que a machina principiou a funccionar com o principal motor d'aquella fabrica.

Montagem, na época referida, de todas as transmissões de movimento pertencentes áquella officina.

Plano e feitura de uma machina de atarrachar parafusos, porcas e projectis.

Plano e feitura de duas thesouras mechanicas para cortar chumbo em chapa, e cobre, nas capsulas fulminantes.

Plano e feitura de duas machinas de fazer capsulas fulminantes, podendo produzir cada uma 20:000 capsulas por dia; construcção aproximada das machinas empregadas em França em 1855 na capsularia de guerra.

Plano e feitura de uma ou duas machinas de brocar e esmerillar canos de espingarda.

Plano e feitura de 2 pequenos tornos de ferro para tornear madeira e metaes.

Plano e feitura d'um jogo de tres machinas para espoletas de cobre de fricção.

Plano e feitura d'um apparelho de moer o carvão para a moldação de objectos de ferro fundido.

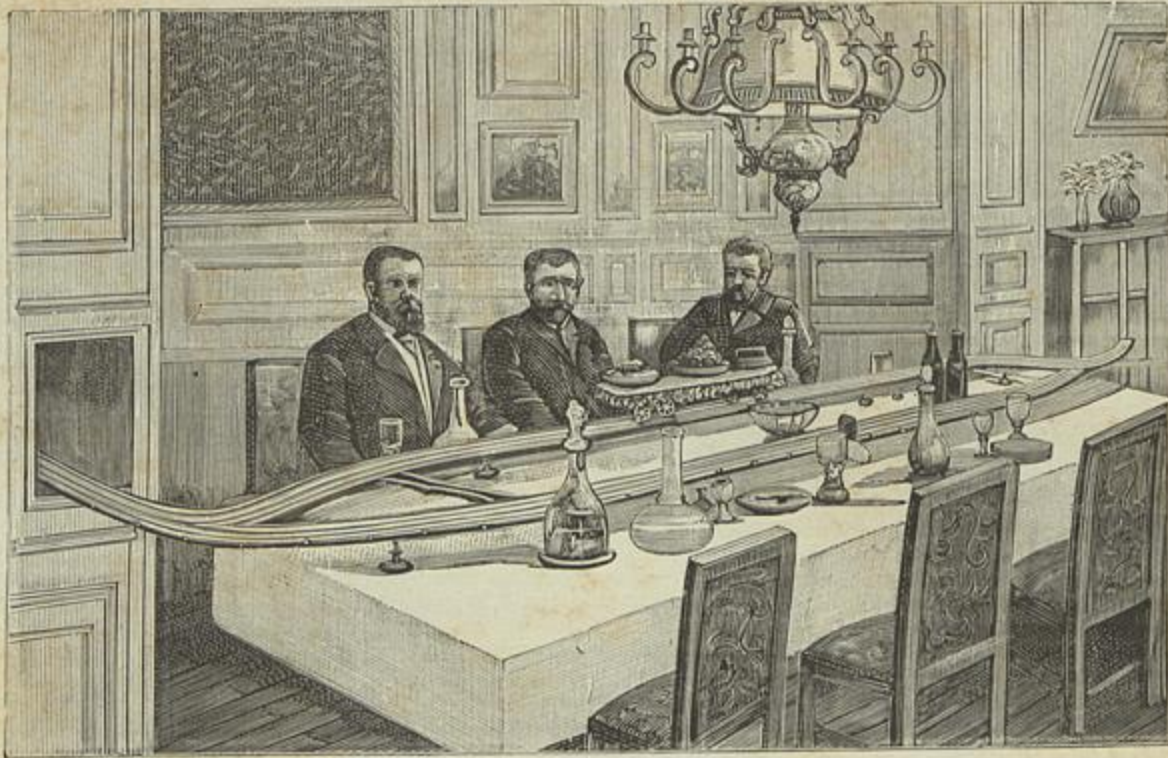
Plano para a transformação d'um torno mechanico em machina de abrir estrias nas primeiras boccas de fogo que se fizeram no arsenal por este systema.

Plano e feitura do engenho grande de brocar e tornear artilheria por um systema ainda não empregado nem em França, Inglaterra ou Belgica, em 1860; e só mais tarde, 3 ou 4 annos, adoptado por Green Wood & Batley, como se póde vêr na machina de brocar e tornear artilheria mais pequena que veiu d'aquella fabrica para o arsenal.

(Continua.)

Dr. Luiz Jardim (Conde de Valenças).

RESENHA NOTICIOSA

VIAGEM REAL. El-Rei D. Luiz, a rainha D. Maria Pia e infante D. Affonso, assistiram no dia 11 do corrente, ao casamento do duque de Aosta, em Turim. A cerimonia religiosa teve logar na egreja de S. João, cathedral de Turim, onde se tem celebrado, desde o seculo XVII, todos os casamentos da familia real italiana. Deitou a benção aos noivos o cardeal Alimonda. Alem dos reis e infante de Portugal, assistiram ao acto os filhos do principe Amadeu, o principe herdeiro do throno de Italia, os duques de Genova e a princeza Clotilde, mãe da noiva. São innumeraveis, e do mais subido valor, os presentes offe-

CAMINHO DE FERRO ELECTRICO PARA SERVIÇO DE MEZA, DE MR. GASTÃO MENIER

recidos á princeza Lœticia, e entre elles destaca-se vantajosamente um formoso collar de brilhantes, brinde da rainha D. Maria Pia. Turim esteve em plena festa, a concorrencia de forasteiros era enorme, onde se viam individuos de todas as nacionalidades. Os noivos foram alvo das mais ruidosas acclamações; os reis de Portugal tambem foram vivamente saudados pela população. El-rei D. Luiz agraciou com a grã-cruz da Torre e Espada, ao sr. Crispi, presidente do ministerio italiano. No dia 14 sahiram de Turim os reaes viajantes, em direcção a Mousa, onde sua magestade a rainha se demora alguns dias. El-rei D. Luiz segue para Genova.

O MAESTRO ALFREDO KEIL. Já regressou da sua viagem ao estrangeiro o distincto maestro Alfredo Keil, onde fôra negociar a sua opera *D. Branca.* Foi a acreditada casa editora de Paris, Hartman, a que comprou a propriedade da *D. Branca*, e fez encommenda ao maestro portuguez de uma nova opera, que deve estar concluida no prazo de anno e meio. Alfredo Keil segue para o Rio de Janeiro, onde vae contratar a representação da *D. Branca* n'aquella capital.

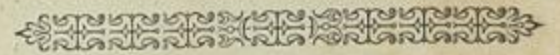
O CONFLICTO COM MARROCOS. O governo de Marrocos deu plena satisfação ao governo portuguez pelo conflicto occorrido na costa marroquina com pescadores algarvios, e a este respeito a imprensa de Marrocos faz as referencias mais agradaveis a Portugal. *Le Rèveil du Maroc* que se publica em Tanger, diz em um artigo sobre o assumpto, que foram de todo o ponto justas as reclamações feitas pelo representante portuguez, em Tanger, a respeito da occorencia entre os pescadores portuguezes e os marroquinos de Larache, accrescentando que Portugal deve estar na consideração do governo de Marrocos, superior a todas as nações europeas, porque nenhuma outra fez mais sacrificios para levar em tempo a luz da civilisação áquelle paiz.

NOVA FORÇA MOTRIZ. Um americano M. Keeley, depois de repetidas experiencias e estudos, achou que as vibrações do som, continham uma força aprovéitavel, que se podia aplicar como motora. Para este fim inventou um pequeno apparelho, a que chamou *Libertador* e que *vitalisa* as vibrações do diapasão, cuja força é accumulada no *Libertador*, passando para um fio de platina, pelo mesma razão que a força electrica passa pelo fio de cobre. Esta corrente transmittida a um determinado apparelho, imprime movimento a qualquer machina. Com um pequeno apparelho M. Keeley conseguiu desenvolver uma força correspondente a 250 cavallos. Esta descoberta póde ser de grande auxilio para a areostação.

EXAMES DA ACADEMIA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES. Os estudantes que fizeram exame na Academia Portuense de Bellas-Artes e que obtiveram premios pecuniarios, foram: 1.º premio, o sr. Alfredo Nunes dos Santos; 2.º premio, o sr. Bernardo José de Lima; e menção honrosa, o sr. José Marques da Silva. No concurso ao premio *Soares dos Reis*, obteve o premio o sr. Julio Gonzaga Ramos, e menção honrosa o sr. João Correia Martins Junior.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Soror Marianna *a freira portugueza* por Luciano Cordeiro, Lisboa, Livraria Ferin. Um vol. in—8º de 335 pag.as e 1 de erratas, impresso na typographia da Academia Real das Sciencias. Depois de pouco mais de dois seculos, parece ter-se feito inteira luz sobre a mysteriosa auctora das *Lettres Portugaises* primeiro titulo com que, em 1669, foram publicadas, em França pelo editor C. Barbin, as cartas de soror Marianna Alcoforada para o seu amante o conde de Chamilly. Foi por muitos annos duvidosa a authenticidade d'estas cartas, e alguns auctores chegaram a attribuil-as a pura expeculação mercantil de editor, aproveitando a situação politica em que então se achava a França para com a peninsula Iberica. Entretanto as edições repetiram-se, porque as cartas tinham um alto interesse litterario, trasbordava n'ellas toda a magua de um coração amante cruelmente desprezado, e este sentimentalismo era o sufficiente para accender o maior enthusiasmo, que a critica dos que tinham essas cartas por apocriphas, não conseguiu apagar. Nos principios d'este seculo, em 1810, relampejou o primeiro clarão sobre a auctora das cartas. Uma nota encontrada por M. Beisonade, em um exemplar das *Lettres Portugaises*, dizia assim: «*La religieuse qui a écri ces lettres se nommait Marianne Alcoforada, religieuse à Beja, entre l'Estremadure et l'Andalousie. Le chevalier à qui ces lettres étaient écrites, était le comte de Chamilly dit alors le comte de Saint-Léger.*» Quem seria o auctor d'esta nota não se sabe, mas ella encontrou apoio na opinião do Morgado de Matheus, que fazendo uma edição das *Lettres Portugaises* por 1824, em Paris, acceita a possibilidade de ser soror Marianna Alcoforada a auctora das cartas, assim como a da existencia da familia Alcoforada ao tempo existisse no Alemtejo. Nada d'isto, porém estava provado, mas podia induzir a estudos sobre a existencia de soror Marianna e dos seus amores com o fidalgo francez. Foram a esses estudos que Luciano Cordeiro proccedeu com tão bom criterio e fortuna, que parece ter desvendado o mysterio, que conforme dissemos no principio d'esta noticia, envolveu por mais de dois seculos a auctora das *Lettres Portugaises*. Principiando por apresentar o estado da questão, segue a biographar soror Marianna Alcoforada e o conde Chamilly, o que val grande trabalho de investigação. Dedica a terceira parte do livro, ao estudo dos amores da relegiosa, para o que visitou o convento da Conceição de Beja, theatro d'esses amores, e que hoje mal ostenta a sombra das suas passadas grandezas; é extremamente interessante esta parte do livro. Seguem as cartas, em versão livre, pondo de parte as traducções de Francisco Manuel do Nascimento, Morgado de Matheus, de Filinto Elysio, de Lopes de Mendonça e Domingos Ennes, no que nada perderam na interpretação e naturalismo. Apezar de muito conhecidas estas cartas para os lidos em cousas de litteratura, não deixarão de ter curiosidade para muitos dos nossos leitores, por isso com a devida venia n'outro logar transcrevemos uma d'essas cartas, que decerto despertarão o desejo de conhecer todo o livro. Luciano Cordeiro conclue a sua obra com a bibliographia das edições anteriores e documentos comprovativos sobre os dois protogonistas. É um bom serviço prestado ás lettras portuguezas e á historia, a publicação d'este livro de Luciano Cordeiro.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa